

SENTIMENTOS DO TEMPO EM DRUMMOND

Robert Feilberg/Arquivo-Museu da Literatura



O poeta, um dia, quis ser *gauche* na vida; sua obra tornou-o imortal

Ao longo dos quase sessenta anos em que se constituiu, a poesia de Drummond veio oferecendo uma sucessão muito variada de formas, temas, humores e perspectivas. Essa diversidade resulta das diferentes impressões e percepções que o poeta, como qualquer um de nós, vai experimentando nos embates com a vida e consigo mesmo. Tanto melhor para os leitores que um artista dessa envergadura lírica seja capaz de historiar, de forma tão aguda e sensível, suas relações mais dinâmicas com o mundo: as formas alcançadas e os tempos acolhidos expressam muito

tímido e *gauche* torna-se chave essencial de sua poesia: o poeta historia sua perplexidade em meio ao atropelo das sensações múltiplas e descontínuas. É o tempo do desencontro entre os impactos provocadores da vida moderna e o desejo íntimo, entre envergonhado e ressentido, das experiências plenas, idealizadas: *A tarde talvez fosse azul / não houvesse tantos desejos* – confessa o poeta no “Poema de sete faces”. A culpa pela imobilidade pessoal é dolorosa e faz sofrer, mas vinga-se de si mesma respondendo a tudo com uma autoconsciência implacável, num jogo

da história profunda de cada um de nós.

A poesia drummondiana deve ser compreendida e interpretada na pluralidade dos **sentimentos do tempo** que o poeta experimentou e traduziu. O que se costuma identificar como “fases” de Drummond talvez seja melhor compreendido se associarmos o dinamismo dos humores e dos processos poéticos às variações de expectativa que o poeta incorpora nas suas relações com o tempo que passa.

Num primeiro momento, o jovem Drummond modernista parece se comprazer com o humor gaiato ou a dura ironia que marcam suas impressões mais diretas do cotidiano. O desajustamento de homem

paradoxal entre os limites emocionais da timidez e a rigorosa interpretação dos fatos que atingem o sujeito.

Ao tempo da Segunda Guerra, as sombras da tragédia mundial impelem Drummond a explorar em si mesmo mais do que o fundo pessoal de ironias, ressentimentos ou sublimações: trata-se agora de interpelar sua condição de poeta maduro e de homem cúmplice da História, desafiado a senti-la e a expressá-la nas formas densas, reflexivas e abertas que tomarão os poemas de *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo*. A tarefa essencial impõe-se agora como investigação do alcance dos símbolos poéticos mais pessoais e como avaliação das forças do indivíduo no seu empenho de tomar partido. O novo embate dramático da poesia de Drummond dá-se entre a desconfiança da insuficiência do discurso lírico e a confiança, que se deseja objetiva, no horizonte político do socialismo. Poemas como “O elefante” e “A flor e a náusea” historiam esse embate.

No pós-guerra, nos anos cinzentos do rescaldo da tragédia e da potencialização de novos ódios ideológicos, o tempo dos **acontecimentos**, propriamente ditos, esvazia-se para o poeta: Drummond se retrai para o mais fundo de sua consciência negativa, movendo-se numa espécie de tempo mítico dissolvente, carregado de impasses e angústias. Nessa formidável solidão, o indivíduo expressará em tom elegíaco suas incompatibilidades com o mundo e consigo mesmo, dotando seus poemas de uma retórica da mesma altura dos enigmas que costumam se interpor entre o homem e o seu desejo de conhecimento absoluto. Creio que estão nos livros da década de 50, sobretudo em *Claro enigma*, os ritmos e os

símbolos reflexivos mais belos e dolorosos que a consciência poética moderna produziu em língua portuguesa.

Com *Lição de coisas*, de 1962, o poeta sessentão faz uma espécie de balanço dos temas e estilos já freqüentados, experimenta ludicamente os limites de formas mais ousadas e abre um novo veio poético – o das memórias antigas –, de onde extrairá os inúmeros poemas que comporão a trilogia dos *Boitempo*. Nesta, as imagens do passado já não se representam em transfigurações tensas ou dramáticas, valendo mais pela vitalidade narrativa e pela força de atualização daquelas remotas percepções que impressionaram o antigo menino e adolescente. Mais generoso consigo mesmo, o poeta envelhecido alimenta-se da memória autobiográfica que é, sempre, uma visada concreta da história social.

Com *Farewell*, o livro póstumo, a despedida amarga de Drummond: no limiar da morte, ele contempla melancolicamente o corpo gasto, arruinado, e reconhece como definitivamente vencidos os tantos movimentos nervosos que o espírito empreendeu ao longo do tempo. Súmula sombria e comovente de uma longa caminhada, essa última poesia fecha-se a si mesma no círculo de uma vida, voltando a reconhecer na longínqua Itabira de ferro e pedra as raízes de uma condição cósmico-mineira. Na iminência do fim, as múltiplas contradições das experiências da vida parecem amenas diante da contradição máxima, que é a do Tempo anunciando que o tempo já acabou: *Quero a última razão do vácuo/ a última danação, parágrafo penúltimo / do estado – menos que isso – de não ser.*

Alcides Villaça
é professor de Literatura Brasileira da USP

Documentário

POETA DAS SETE FACES

A série de comemorações e lançamentos pelo centenário do nascimento de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) inclui o documentário do diretor Paulo Thiago, *Poeta das sete faces*.

O título escolhido remete à obra “Poema das sete faces”, publicada em primeiro livro – *Alguma poesia*, de 1930 – e pretende dar a idéia de alguém que vive à margem, fora do sistema, com um olhar crítico e inusitado sobre a realidade, uma característica que perpassa a vida e a obra do poeta. Apesar de Drummond não ter heterônimos, o cineasta quis assinalar a multiplicidade dos temas abordados pelo poeta mineiro em toda a sua história literária.

O filme *Poeta das sete faces* procura englobar as diferentes fases de sua obra. “Procurei mostrar a transformação e a mudança na obra de Drummond ao longo do tempo. Ele é um poeta múltiplo e complexo, não é só um poeta, apesar de possuir características que lhe conferem uma certa unidade, como a anti-lírica convencional e a visão original do mundo. Eu não concordo com os que buscam uma unidade poética em Drummond; ele foi se transformando ao longo do século XX, e passou por várias fases poéticas. Ele não foi o poeta de Itabira, o poeta de Minas, da memória, ele foi um poeta do seu tempo”, argumenta.

Num primeiro momento, considerada



Elenco da Cia Itabirana de Teatro

sua fase modernista em *Alguma poesia*, Drummond é irônico e investiga a literatura, a poesia e a arte, para revolucioná-las. A segunda fase, que Paulo Thiago situa a partir do livro *O sentimento do mundo*, de 1934, até *A rosa do povo*, de 1945, o poeta faz uma poesia centrada na realidade do país e do mundo e os poemas ganham caráter social e político. A partir de *Claro enigma* (1951), inicia uma fase filosófica, em que aborda questões complexas como o ser no tempo e na vida, a relação do homem com a existência e a questão da morte. Sobre essa fase, o diretor Paulo Thiago acrescenta uma frase de Drummond: “Como ficou chato ser moderno, prefiro ser eterno”. Posteriormente, no que se pode considerar a quarta fase, com *Boitempo* (1968), o diretor define o poeta como memorialista; há, ainda, a fase publicada postumamente de poemas eróticos. Além desse documentário, com estréia comercial prevista em outubro, o diretor Paulo Thiago está finalizando outra produção baseada no poema “O Caso do vestido”, que deverá receber o nome de *O vestido*, e ser lançado nacionalmente em 2003.